

Com Brasil

Não é difícil voltar a crescer

Examinados isoladamente, alguns resultados da pesquisa sobre perspectivas de investimentos industriais realizada pela empresa de consultoria Price Waterhouse mostram que a retomada do crescimento não é uma tarefa complicada nem excessivamente custosa. Se as 500 maiores empresas do País utilizarem plenamente sua capacidade instalada, aumentarão sua produção em US\$ 46 bilhões, ou cerca de 12% do PIB atual. Se precisarem de recursos financeiros, não terão dificuldades para tomá-los emprestados, visto que sua dívida é proporcionalmente pequena perto dos padrões de endividamento observados em outros países.

A pesquisa mostra que as 500 maiores empresas do País têm muita capacidade ociosa e poucas dívidas. No ano passado, essas empresas usaram apenas 75,4% de sua capacidade instalada; nos primeiros meses deste ano, estão usando menos ainda: só 71,3%. Das empresas pesquisadas, nada menos do que 60% evitarão recorrer a financiamentos e utilizarão apenas recursos próprios. Em média, para cada US\$ 1 próprio, as empresas usam US\$ 1 de terceiro, quando no Exterior é normal usar US\$ 2 de terceiros.

Outros resultados da pesquisa da Price Waterhouse, porém, mostram as dificuldades vividas pelas empresas. Por causa da recessão e do alto custo do dinheiro, elas planejam investir neste ano US\$ 14,9 bilhões, o que representa 14,4% de seus ativos, contra 21,8% observados em 1989. São, portanto, investimentos muito baixos. E são, basicamente, investimentos de curto prazo, para garantir a sobrevivência da empresa. Destinam-se, em geral, a produzir ganhos de eficiência ou de qualidade, mas não a aumentar a produção.

Se retomar o crescimento não é tão difícil, mantê-lo é tarefa bem mais complicada. Ainda faltam às empresas — e isso também fica evidente na pesquisa

— horizontes mais claros que lhes dêem alguma segurança quanto ao futuro. O custo do dinheiro é alto demais, a carga tributária continua a inibir a produção e os empresários ainda vivem em um ambiente de incertezas.

Há, felizmente, sinais de que esse ambiente começa a mudar. Apesar das dificuldades que o governo vem encontrando para manter o equilíbrio instável das contas públicas — visto que o equilíbrio estável depende de medidas que o Congresso Nacional nem começou a examinar —, a inflação caiu em fevereiro e pode cair também em março, na previsão do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. A atividade econômica, diz o ministro, já atingiu o fundo do poço e agora já se pode pensar em retomada do crescimento.

Mas os ganhos mais expressivos do governo, com relação às expectativas dos agentes econômicos, vêm das negociações com os credores externos. Os dois lados estão próximos de um acordo, disse William Rhodes, vice-presidente do Citibank, que coordena o comitê de assessoramento dos credores particulares do Brasil. O ministro da Economia admite a possibilidade de um acordo ainda no primeiro semestre, mas há quem espere que as negociações se conclua até o final da próxima semana.

O acordo com os credores particulares eliminará a dívida externa da agenda de problemas do governo brasileiro. Com isso, o governo não precisará continuar colocando no mercado tantos títulos, como vem fazendo até agora, para obter os recursos necessários à compra dos dólares com que tem engordado suas reservas. Isso reduzirá uma das principais fontes de pressão sobre os juros internos. Ganha o governo, com a redução do custo de rolagem de sua dívida mobiliária, e ganham as empresas, com a redução do custo do dinheiro.